



A TRADIÇÃO DA CEIA CRISTÃ E A SUA PRÁTICA NA ERA VIRTUAL¹

THE TRADITION OF THE CHRISTIAN SUPPER AND ITS PRACTICE IN THE VIRTUAL AGE

Carlos André de Abreu Alves *

Janes Socorro da Luz **

Resumo:

Na história cristã a celebração da Ceia sempre representou um dos momentos mais importantes da comunhão do homem com Deus. Este artigo refaz um caminho histórico desde a instituição da Páscoa judaica, o novo sentido dado por Jesus, à continuidade no surgimento da Igreja, sua menção na Didaquê, a ratificação dada na Reforma Protestante e na Confissão de Westminster. A segunda parte do texto nos coloca em um momento em que a humanidade enfrenta uma grave pandemia, que impôs um rígido distanciamento social, e o aumento do uso de novas tecnologias e recursos virtuais em diferentes áreas da sociedade, o que provoca rápidas transformações e, conseqüentemente, algumas tensões. No contexto evangélico, surge um questionamento sobre o formato da celebração da Ceia neste cenário excepcional. Seria possível validar a realização desta tradicional celebração cristã no formato virtual, sem a presença física do participante em sua comunidade de fé?

Palavras-chave: Tradição Cristã. Celebração da Ceia. Relações Virtuais.

Abstract: In Christian history the celebration of the Supper has always represented one of the most important moments of man's communion with God. This article retraces a historical path from the institution of the Passover, the new meaning given by Jesus, the continuity in the emergence of the Church, its mention in the Didache, the ratification given in the Protestant Reformation and the Westminster Confession. The second part of the text places us at a time when humanity faces a serious pandemic, which imposed a rigid social distance, and the increase in the use of new technologies and virtual resources in different areas of society, which causes rapid transformations and, consequently, some tensions. In the context of evangelical, a question arises about the format of the celebration of the Supper in this exceptional scenario. Would it be possible to validate the realization of this traditional Christian celebration in the virtual format, without the physical presence of the participant in their faith community?

Keywords: Christian Tradition. Celebration of the Supper. Virtual Relations.

Introdução

Uma das obras de arte de Leonardo da Vinci mais conhecidas em todo o mundo é a Última Ceia, pintada entre 1494 e 1498. O registro impressionista descreve a última refeição pascal

¹ Enviado em: 08.09.2021. Aceito em: 28.05.2022.

* E-mail: social.carlosandre@gmail.com

** E-mail: janes.luz@ueg.br

celebrada por um grande mestre judeu com seus seguidores mais próximos, a partir do que está narrado nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

Historicamente, os efeitos daquele banquete cerimonial marcaram a vida dos seguidores contemporâneos de Jesus e, com o passar dos séculos, de outros milhões que creram nos seus ensinamentos e vieram segui-lo, se reconhecendo então depois como cristãos. No contexto desse enredo bíblico surge a Ceia, como um ritual instituído e que deve ser administrado regularmente pelos cristãos protestantes, de forma a preservar, o mais fiel possível, o formato e o sentido daquilo que foi protagonizado por Jesus. A Ceia é reconhecida como um dos sacramentos cristãos e repetido como um ato comunitário de fé.

A institucionalização do cristianismo como religião trouxe a sistematização de muitas de suas práticas e foram temas de debates entre os seus estudiosos e líderes, até que textos normativos fossem publicados e assimilados, por um ou mais ramos, que orientam as suas práticas religiosas comuns. A dinâmica da Ceia foi um destes temas amplamente debatidos e, também por este motivo, o formato como é praticado até a atualidade se assemelha muito ao que é descrito em importantes documentos históricos da Igreja Cristã.

Um momento de excepcionalidade está sendo vivido em todo o planeta por conta de uma pandemia. Esta situação exige que em todos os lugares de convivência sejam obedecidos protocolos rígidos de autocuidado e distanciamento social, na tentativa de interromper o alto índice de contágio do novo Coronavírus, causadora da COVID-19. Somado a estes fatos a humanidade tem recorrido, de forma massiva, a instrumentos tecnológicos e ambientes virtuais para compensar o impedimento de acesso físico aos espaços de convívio social. Trabalho, estudos, compras e negócios são realizados de forma remota e, passado um primeiro estranhamento, alguns estudos já afirmam que, depois desta crise sanitária, esta nova maneira de conviver sem precisar estar presente pode se estabelecer como normal.

Diante deste contexto, de aglomerações limitadas e de uma tecnologia extremamente avançada, questiona-se como os rituais e práticas religiosas devem ser vividos? Para os cristãos esta pergunta pode alcançar temas caros, como os que envolvem a comunhão cerimonial entre os irmãos de fé e a realização de eventos bíblicos estabelecidos, como a Ceia do Senhor.

Uma refeição que demonstra compromisso

Para conhecer, mais claramente, o valor histórico/profético e os impactos que a última Ceia de Jesus provoca até os dias atuais na cristandade se faz necessário retornar à narrativa bíblica do Antigo Testamento, que descreve a instituição da Páscoa, protagonizada por Moisés e o povo hebreu.

A Páscoa (*Pessach*) é uma das 7 principais celebrações históricas dos judeus. O professor Jonas Ferreira² explica que esta celebração foi estabelecida por Deus e o seu povo deveria celebrá-la uma vez por ano, sendo que o centro deste ritual está na realização de um banquete comunitário.

Como é comum no entendimento de muitas culturas a refeição cultural, compartilhada intencionalmente, pode trazer uma harmonia entre o transcendente e os humanos que comem e bebem como se todos ali fossem um. Reforçando esta ressignificação o mestre romeno Mircea

² FERREIRA, Jonas dos Santos. A Ceia do Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes. Dissertação (Mestrado em Teologia) – PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2015, p. 17.

Eliade³ diz que “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”.

No momento da tradicional refeição pascal alguns alimentos estavam listados por fazerem fortes referências históricas para aquele povo, como o cordeiro assado e algumas ervas amargas, mas o pão e o vinho sempre ocuparam destacado significado. Jonas Ferreira⁴ ressalta esta importância dos elementos:

O pão para os hebreus é também um sinal sagrado, pois esse vem das mãos de Deus para o sustento e fortaleza do homem. Com humildade, o homem deve todos os dias suplicar ao Senhor que lhe conceda o pão necessário para sua subsistência. [...] Desde tempos bem remotos, as imagens da videira e do vinho tornaram-se um dos principais símbolos sagrados de inúmeras religiões. Na cultura judaica, ambas imagens recebem um especial significado: a vinha expressa a predileção de Deus por Israel e o vinho seria o fruto desta predileção, que se traduz no amor de Deus para com o seu povo.

Sentido pleno dado por Jesus

Como um zeloso cumpridor das leis e dos costumes judaicos, Jesus Nazareno dava o exemplo para os que o seguiam em sua jornada. Para além da prática dos ritos, ele mostrou compreender os significados de cada um deles e procurava trazer este entendimento nos seus momentos de prédica, assim como nas instruções dadas em intimidade para os seus discípulos. Um desses momentos oportunos foi descrito pelo pastor Alexandre Silva:

Nos dias de Jesus Cristo no Novo Testamento, estas prescrições eram observadas e muito provavelmente Jesus as realizou na sua última páscoa com seus discípulos aproveitando os momentos que antecipavam a entrega dos pães ázimos e o que seguia ao alimentar-se do cordeiro no terceiro copo, o ‘copo de ações de graças’, para instituir o rito da Santa Ceia, guardado como rito sagrado pela Igreja Cristã.⁵

A ponte histórica que foi criada nesta ocasião, entre a Páscoa judia e a Ceia cristã, se tornou tão marcante que o estudioso argentino José Severino Croatto⁶ citou este feito como exemplo:

O livro de Êxodo, capítulo 12, contém o relato ‘mítico’ da instituição da Páscoa israelita. Nesse acontecimento atua um ser divino (Yahweh), em um ‘tempo’ originário para Israel, como é o êxodo [...]. O que o relato da fundação da festa da Páscoa faz é ligá-la ‘primordialmente’ ao acontecimento da libertação, cuja memória (*zikkarón ou anámnesis*) pretende ser (Êxodo 12,26.42):

- Quando vossos filhos vos perguntarem: ‘Que rito é este?’ responderéis:
- É o sacrifício da Páscoa para laweh que passou adiante (hebraica *pàсах*, etimologia popular de *pesah*: ‘páscoa’ das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu os egípcios, mas livrou as nossas casas’. (versículo 26).

³ ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.13.

⁴ FERREIRA, 2015, p. 19 - 20.

⁵ SILVA, Alexandre Mendonça da. A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito, símbolo e produção de sentidos. Dissertação (Mestrado Ciências da Religião) – UFPB, João Pessoa, 2015, p. 61.

⁶ CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 338.

O acontecimento fundante da Páscoa cristã, por outro lado, é a celebração da festa na 'última ceia' de Jesus com seus discípulos (Marcos 14.22-25 e paralelos).

O teólogo americano R.C. Sproul enxergou este momento como um drama divino apresentado nas páginas da Bíblia, que se inicia e transpassa os livros de Moisés, é vivido por Jesus nos evangelhos (Mateus 26:26-29; Marcos 14:22-25; e Lucas 22:14-20) e depois confirmado por Paulo nas epístolas pastorais (1 Coríntios 11:23-25).

A Ceia do Senhor é um drama que tem suas raízes não somente na experiência ocorrida no cenáculo, mas essas raízes retrocedem à celebração da Páscoa no Antigo Testamento. [...] A ligação com a Páscoa é vista não somente nas palavras de Jesus dirigidas a seus discípulos, mas também na linguagem semelhante usada pelo apóstolo Paulo, quando escreveu à igreja em Corinto. Paulo escreveu: 'Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado' (1 Coríntios 5.7). É claro que a comunidade apostólica percebia a ligação entre a morte de Cristo e a celebração da Páscoa no Antigo Testamento.⁷

Ferreira⁸ organiza este raciocínio em três etapas. O que acontece no Antigo Testamento seria uma prefiguração, no Novo Testamento um evento real e a partir das instruções de Jesus foi estabelecida uma celebração sacramental para a Igreja Cristã.

Para o professor Antônio Araújo Gomes⁹ o rito da Ceia é composto em suas partes por símbolos antropomórficos, estes são validados no ritual e por serem sobrenaturais não estão claros ao entendimento humano. Algo elementar a ser entendido é que era da vontade de Jesus Cristo que a Ceia fosse repetida por seus seguidores, "quando ele se reuniu com seus discípulos no cenáculo, um dos elementos desta instituição foi a ordem de repetirem a ceia em lembrança dele. 'Fazei isto em memória de mim' (Lucas 22.19)".¹⁰

Com esta diretiva dada por Jesus é necessário considerar a fala de Mircea Eliade¹¹ sobre o homem religioso e a repetição do ritual. O escritor explica que a reutilização dos mesmos acontecimentos místicos no ritual traz uma identificação profunda ao homem com o seu modelo divino, e assim são renovadas as esperanças de quem adora diante do ser adorado. José Croatto¹² ainda reforça que, durante o ritual, existe uma atualização da adoração. Os rituais criam o ato litúrgico e para que estes aconteçam a contento são exigidos a participação de pessoas, um lugar sagrado, adereços, vestimentas e outros objetos correlacionados. Antônio Gomes destaca esse efeito animador, resultado do contato do homem com o divino, intermediado pela celebração da Ceia:

A função ritual da Santa Ceia é impregnar as gerações sucessivas de reverência pela presença e pelas obras terríveis do sagrado, levando-as a participar fervorosamente da vida religiosa e consagrar-se com todas as suas forças à consolidação da ordem divina estabelecida e à proclamação do reino de Deus entre os homens como fruto do amor salvífico de Jesus Cristo.¹³

⁷ SPROUL, R.C. O Que é a Ceia do Senhor? Série Questões cruciais n.15. São José dos Campos: Fiel Editora, 2014, p. 6.

⁸ FERREIRA, 2015, p. 10.

⁹ GOMES, Antônio Araújo. A Ceia do Senhor na perspectiva da psicologia analítica. Revista Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 230-255, jul./dez. 2015, p. 234.

¹⁰ SPROUL, 2014, p. 15.

¹¹ ELIADE, 1992, p. 56.

¹² CROATTO, 2011, p. 332.

¹³ GOMES, 2015, p. 250.

Duas afirmações de Gomes¹⁴ devem ainda ser destacadas e discutidas sobre a Ceia. A primeira é de que “a Ceia recria o tempo primordial, adâmico de comunhão com o numinoso”. Eliade, com propriedade, nomeia este fenômeno como uma hierofania, uma manifestação do sagrado em contraste com o profano. Neste instante o homem religioso consegue enxergar uma parada do tempo profano, saindo de uma normalidade, quando o sagrado é estabelecido nos ritos.¹⁵

Quando Gomes cita o numinoso fica imperativo buscar à referência sobre este termo nos estudos do destacado teólogo alemão Rudolf Otto¹⁶.

O elemento que estamos falando e que tentaremos evocar no leitor está vivo em todas as religiões, constituindo seu mais íntimo cerne, sem o qual nem seriam religião. [...] Para tal eu cunho o termo ‘*numinoso*’ (já que do latim *omen* se pode formar ‘*ominoso*’, de *numem*, então, *numinoso*) [...]. Como essa categoria é totalmente *sui generis*, enquanto dado fundamental e primordial ela não é definível em sentido rigoroso, mas apenas pode ser discutida.

A segunda afirmação de Antônio Gomes¹⁷ a ser considerada é que “a Ceia recria os alimentos primordiais usados na celebração: o vinho e o pão. A oferenda é simbólica”. O pão da Ceia é um símbolo destacável que aponta para a pessoa de Jesus Cristo, esse valor foi afirmado quando o próprio mestre declarou: ‘Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu’ (João 6: 32). Já o vinho sempre esteve presente em relatos bíblicos e na Ceia aponta para a tristeza da morte vicária de Jesus Cristo e para a alegria da sua ressurreição na Páscoa.¹⁸

A continuidade daquilo que Jesus Cristo viveu e estabeleceu foi uma preocupação real dos seus primeiros seguidores. Jonas Ferreira¹⁹ enfatiza o cuidado do apóstolo Paulo em declarar, para a Igreja que estava em Corinto, o seu zelo em receber e transmitir com fidelidade à práxis da celebração da Ceia.

Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha.²⁰

Originalmente escrito como uma carta exortativa este registro bíblico tornou-se uma orientação para que os demais cristãos observassem esta tradição apostólica até a atualidade.

Construção histórica da Ceia do Senhor

Os relatos bíblicos do Novo Testamento são reconhecidos como a maior fonte histórica sobre o surgimento e crescimento da cristandade. Somado a estes, alguns outros documentos

¹⁴ GOMES, 2015, p. 240.

¹⁵ ELIADE, 1992, p. 39.

¹⁶ OTTO, Rudolf. O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 38.

¹⁷ GOMES, 2015, p. 240.

¹⁸ GOMES, 2015, p. 242-243.

¹⁹ FERREIRA, 2015, p. 52.

²⁰ 1 Coríntios 11 : 23-26.

também se mostraram preciosos para o conhecimento da dinâmica da Igreja, seja pelos relatos de como viviam os convertidos e se multiplicaram nos primeiros séculos, ou pelo teor orientador e catequético que era respaldado por autoridades religiosas ou concílios realizados por estes.

Considerado como um dos escritos mais antigos do cristianismo, a *Didaquê* (Instrução dos 12 Apóstolos) é um manual eclesiástico que tem em seus textos muita similaridade com o Novo Testamento. Na parte que trata sobre a Ceia, originalmente chamada no texto de Eucaristia, a *Didaquê*²¹ diz:

Celebre a Eucaristia assim:

Diga primeiro sobre o cálice: ‘Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da santa vinha do teu servo Davi, que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre’.

Depois diga sobre o pão partido: ‘Nós te agradecemos, Pai nosso, por causa da vida e do conhecimento que nos revelaste através do teu servo Jesus. A ti, glória para sempre.

Da mesma forma como este pão partido havia sido semeado sobre as colinas e depois foi recolhido para se tornar um, assim também seja reunida a tua Igreja desde os confins da terra no teu Reino, porque teu é o poder e a glória, por Jesus Cristo, para sempre’.

Um segundo escrito de referência para a história dos primórdios da Igreja cristã, e que descreve a Ceia em seu escopo, foi elaborado por Justino Mártir. Ele viveu entre os anos 100 e 165 e foi considerado o maior apologista do século II,²² seus textos tinham a intenção de descrever as práticas de culto e a boa conduta dos convertidos.

Justino, ainda em sua obra, trouxe uma explicação sobre o termo Eucaristia, o alimento dividido na Ceia pelos cristãos, significa ‘gradidão, reconhecimento ou ação de graças’. O professor Alessandro Arzani explica que era costume na Páscoa hebréia que o dirigente da cerimônia da Ceia deveria elevar o tom de sua voz e dar graças a Deus pelos alimentos e pela comunhão estabelecida entre Deus e os homens.²³

Passados 15 séculos desde os dias de Jesus Cristo o cristianismo se tornou uma das maiores e principais religiões do mundo. Muitas estruturas foram criadas na tentativa de se estabelecer um governo central e várias disputas nasceram por posições eclesiais e por opiniões adversas. Nesse contexto de tantos embates eclodiu uma das maiores reformas religiosas da história: a Reforma Protestante. O maior protagonista desta época foi o monge alemão Martinho Lutero que fixou suas 95 teses na porta da igreja do Castelo de Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517.

As pesquisas desenvolvidas por Israel Faria²⁴ pontua que após 1529, quando aconteceu o Colóquio de Marburgo, uma divergência entre os líderes Lutero e Zwínglio a respeito de questões Eucarísticas e Cristológicas os levaram para caminhos diferentes. Zwínglio se juntou a João Calvino e o seu grupo vieram ser reconhecidos pela história como Reformados.

Para os Protestantes Reformados a Ceia ficou estabelecida como um dos sacramentos que deveria ser celebrada como prática regular. O teólogo presbiteriano Herminster Maia esclarece que

²¹ Didaquê – A Instrução dos Doze Apóstolos. Disponível em: http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/DIDAQUE_-_A_Instrucao_dos_Doze_Apostolos.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.

²² CAIRNS, Earle E. O Cristianismo através dos séculos. Uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990, p. 86.

²³ ARZANI, Alessandro. Eucaristia e identidade dos cristãos segundo Justino Mártir. Tese (Doutorado História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2019. 2019, p. 182.

²⁴ FARIA, Israel Bernardo de Oliveira. Princípio Regulador do Culto: a doutrina Bíblica do Culto adotada pela Igreja Presbiteriana do Brasil. Seminário Teológico Presbiteriano Ashbel Green Simonton, Rio de Janeiro, 2017, p. 31.

“a palavra ‘sacramento’ não ocorre nas Escrituras; vêm do latim *sacramentum*, que, na Vulgata, é tradução do grego *mysterion*: mistério”.²⁵

O último documento histórico de referência a ser considerado nesta discussão será a *Confissão de Westminster*. Segundo Israel Faria²⁶, as Confissões eram formuladas em Concílios e este se deu entre julho de 1643 e fevereiro de 1649. Foi à última Confissão criada e formatou muitas das questões levantadas na Reforma Protestante, sendo então adotada como um dos principais símbolos da teologia reformada em todo o mundo.

Sobre os sacramentos, está exposto no capítulo XXVII da *Confissão de Westminster*²⁷ que: “Há só dois sacramentos ordenados por Cristo, nosso Senhor, no Evangelho - O Batismo e a Santa Ceia; nenhum destes sacramentos deve ser administrado senão pelos ministros da palavra legalmente ordenados”.

Mesa da comunhão em tempos de distanciamento social

No final do ano de 2019 foi registrada a descoberta de uma nova doença em moradores da cidade chinesa de Wuhan causada por uma das variedades do Coronavírus. Os cientistas descobriram que esta enfermidade possui um poder de transmissibilidade muito elevada e que, antes mesmo de ser batizada pelo nome de COVID-19, pacientes contaminados já haviam sido detectados em outros países. Passado mais de um ano, quase todos os países do mundo já registraram casos desta nova doença e a humanidade foi surpreendida pela primeira pandemia do século XXI.

Vários impactos sociais se sucederam em escala global. Enxergando esta realidade a partir da perspectiva religiosa é possível esboçar uma leitura do comportamento humano diante de um mal generalizado e ainda sem solução aparente. Eliade refletiu que “toda crise existencial põe de novo em questão, ao mesmo tempo, a realidade do Mundo e a presença do homem no Mundo: em suma, a crise existencial é ‘religiosa’, visto que, aos níveis arcaicos de cultura, o ser confunde-se com o sagrado”.²⁸

Na tentativa das autoridades públicas e sanitárias de conter a cadeia de transmissão do COVID-19, até que a maior parte da população mundial esteja imunizada, foi decretado em muitas localidades o distanciamento social entre as pessoas e, por vezes, o fechamento de estabelecimentos públicos, privados e até religiosos.

Diante de uma crise social inesperada e de tão amplo alcance é natural que questionamentos sejam levantados procurando entender o que deve continuar funcionando como era e o que mudará a partir de agora. N. T. Wright, notável estudioso da Bíblia, interpreta que “temos aprendido muitas coisas neste tempo de ‘exílio forçado’ - é exatamente isso que estamos enfrentando, um exílio - mas devemos orar pelo dia em que nossos templos funcionarão, no contexto da nossa sociedade, da forma como foram planejados”.²⁹ O Reverendo Heber Campos Júnior, do Centro Presbiteriano Andrew Jumper, questiona: Como fica a comunhão dos crentes em

²⁵ MAIA, Herminster. Fundamentos da Teologia Reformada. São Paulo: Mundo Cristão, 2007, p. 145.

²⁶ FARIA, 2017, p. 49,53.

²⁷ Confissão de Fé de Westminster. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/recursos/download/a-confissao-de-fe-de-westminster-148>. Acesso em: 25 jul. 2020.

²⁸ ELIADE, 1992, p. 101.

²⁹ WRIGHT, N.T. Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o Coronavírus e suas consequências. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 68.

tempos de isolamento social? Sem ficar apenas na intenção retórica ele lembra que este contato humano, agora debatido, é parte do exercício de comunhão do cristianismo desde sua origem.³⁰

Ao vivenciar este novo cenário de distanciamento social, a partir da vivência de uma igreja local, o Reverendo Márcio Divino de Oliveira³¹ revela que:

As tradicionais atividades e práxis pastorais da igreja (cultos, Ceia do Senhor, oração; atendimento e aconselhamento pastoral; visita pastoral, pregações e mensagens bíblicas de esperança; ofício fúnebre, etc.) são reinventadas por meio das ferramentas virtuais nesse período.

Já o professor Francisco Alves de Oliveira³² acredita que o encontro regular dos membros de uma comunidade religiosa sempre foi realizado com propósitos definidos e isso se torna uma das premissas que traz e fortalece identidade a este grupo. Assim, existem rituais estabelecidos que só acontecem, de forma plena e satisfatória durante as reuniões daquela irmandade, com destaque entre estas o sacramento da Ceia.

Por ser uma das celebrações cristãs mais importantes a celebração da Ceia também se tornou tema de debates. Jonas Ferreira lembra a importância deste evento quando diz que “a Ceia do Senhor consiste na expressão mais comum do culto cristão, sendo vivenciado e celebrado desde o início da vida da Igreja”.³³ Nos registros bíblicos de Atos dos Apóstolos, capítulo 2 e versículo 42, são citadas reuniões da Igreja Primitiva praticando celebrações que compartilhavam o pão e o vinho. O Reverendo João Paulo Thomaz de Aquino reforça o coro dos questionadores quando aponta que “uma pergunta que atualmente tem dividido teólogos ao redor do mundo é a seguinte: Considerando o atual estado de distanciamento social por causado pelo novo Coronavírus e a possibilidade de fazermos reuniões virtuais, é correto ministrar a Ceia do Senhor online?”.³⁴ Wright, refletindo nesta possibilidade, parafraseia assim o Salmos 137:4³⁵: “Como posso sentir a alegria de participar da Ceia do Senhor olhando para a tela de um computador?”.³⁶

Em discussões anteriores a esta pandemia alguns comunicadores religiosos, principalmente católicos, já elaboravam respostas que podem atender algumas das perguntas deste momento excepcional. Num artigo publicado em 2012, o doutor Leomar Brustolin já colocava em discussão se a forma de transmissão do ato religioso poderia provocar alguma distorção na percepção do sujeito religioso em seu serviço de fé.

A principal questão teológica suscitada pelas celebrações litúrgicas, transmitidas pelos meios eletrônicos, concentra-se sobre o binômio presença e participação. Nesse sentido, resta definir qual é a diferença entre a transmissão direta, isto é, mediante os meios

³⁰ JÚNIOR, Heber Carlos de Campos. Em tempos de pandemia, como fica a comunhão? Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/em-tempos-de-pandemia-momo-fica-a-comunhao/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

³¹ OLIVEIRA, Márcio Divino de. Cuidado pastoral da Igreja em tempos de pandemia: Covid-19. Revista Caminhando, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 257-276, jan./abr. 2020, p. 263.

³² OLIVEIRA, Francisco Alves de. O desafio comunitário de ser igreja e a busca da reversão do êxodo eclesial. Revista Unitas, Vitória, v. 7, n. 2, p. 177-206, 2019, p. 181,184.

³³ FERREIRA, 2015, p. 47.

³⁴ AQUINO¹, João Paulo Thomaz de. Ceia virtual On-line? Como a exegese pode ajudar nessa questão? Disponível em: <https://cpaj.mackenzie/ceia-virtual-on-line-como-a-exegese-pode-ajudar/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

³⁵ Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha? (Salmos 137:4).

³⁶ WRIGHT, 2020, p. 70.

naturais da visão e da audição, e as transmissões midiáticas pelo rádio, pela televisão ou pela internet.³⁷

No contexto evangélico, foi realizada pelo Invisible College³⁸ uma relevante pesquisa interativa entre os seus alunos na tentativa de diagnosticar alguns impactos do isolamento social nas igrejas evangélicas do país. Foi aplicado um questionário virtual no período entre 24 de abril e 05 de maio de 2020, respondido por pastores e líderes cristãos oriundos de todos os estados da federação e alcançando uma representação de 270 igrejas das mais variadas denominações evangélicas.

Entre outros pontos eclesiais importantes citados na pesquisa, destaca-se a pergunta de como cada igreja realizava a Ceia em época de pandemia. Existiam disponíveis 5 alternativas de resposta para esta questão e o resultado foi:

- 1 – Orientação para celebração individual ou em família, com os elementos tradicionais. 38,2%
- 2 – Orientação para celebração individual ou em família, com elementos alternativos. 2,6%
- 3 – Orientação para que a Ceia não fosse celebrada individualmente ou em família. 26,8%
- 4 – Não deram nenhuma orientação. 19,1%
- 5 – Outras respostas. 13,3%.

NOTAS DOS AUTORES: Quanto à administração do sacramento da Ceia, a pesquisa mostrou que não existe consenso nas práticas das igrejas. Sabemos que vários pontos da teologia do culto são tangenciados quando passamos a ‘transmitir um culto’ pela internet e ministrar um sacramento ‘à distância’. A ausência de unanimidade aponta para a necessidade de discutir teologicamente a viabilidade dessas práticas durante e após a pandemia.³⁹

Para uma percepção que extrapola o campo religioso, o professor Pierre Lévy, docente da Universidade de Paris VIII, considera que a origem da palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, da raiz *virtus*, que traz o sentido principal de força. “Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. A árvore está virtualmente presente na semente”. Então, para a filosofia existe relação entre o virtual e o real, sendo preciso considerar o atual, “virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”.⁴⁰

A apropriação de recursos do ambiente virtual no contexto da religiosidade teve sua prática aumentada sobremaneira e ainda provoca muitos questionamentos. Jorge Miklos, especialista em comunicação, é um destes pesquisadores que procura entender como os meios virtuais de comunicação e as transformações nas experiências religiosas poderiam ser assimilados e em qual proporção isso ocorreria. Uma de suas conclusões foi que:

³⁷ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Eucaristia na Era Digital: a questão da presença e da participação. Revista Teocomunicação, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 322-342, jul./dez. 2012, p. 323.

³⁸ O Invisible College é uma startup brasileira de educação teológica contemporânea, tem o objetivo de reunir pessoas, compartilhar conteúdos e auxiliar – com formação intelectual – a vida cristã no mundo contemporâneo. É coordenada pelo Reverendo Pedro Lucas Dulci e pelo Designer Kaiky Fernandez. <https://theinvisiblecollege.com.br/>.

³⁹ INVISIBLE COLLEGE. Os impactos do isolamento social nas igrejas evangélicas brasileiras. Instituto Educacional Invisible College, 2020. Disponível em: <https://theinvisiblecollege.com.br/lab/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁴⁰ LÉVY, Pierre. O que é o Virtual? Tradução Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 1996, p. 15.

A distância e a co-presença física dos homens e dos objetos deixariam de ser condicionantes para o estabelecimento de vínculos sociais. Trata-se de uma nova sociabilidade descorporificada. A ciber-religião fundada na comunicação à distância, aboliu o corpo físico e o espaço material promovendo a desmaterialização e o sacrifício do corpo.⁴¹

Ainda para Pierre Lévy uma das transformações importantes experimentadas na virtualização é a desterritorialização. A não-presença, criada pela ruptura do espaço natural e do tempo comum, é uma marca daqueles que se apresentam e interagem no meio virtual.⁴² Sobre o fato de que, por motivo extremo, os espaços de culto não podem ser temporariamente frequentados por todos os fiéis N.T. Wright elabora a seguinte reflexão:

Ao dizer que aboliremos temporariamente o culto corporativo e nos reuniremos com outras pessoas apenas em cultos on-line, realizados ao vivo da sala de estar da casa do ministro, podemos dar a entender que, de fato, não passamos de um grupo de indivíduos com ideias semelhantes em busca de um passatempo arcano particular. Nesse contexto, o problema da 'adoração eletrônica' é que ela acaba se transformando em uma 'adoração platônica', isto é 'sozinhos com todo o mundo'. Visto que já existem pressões culturais nessa direção, importa-nos reconhecer o perigo.⁴³

Rudolf Otto esclarece que "o que mostra melhor a qualidade social do rito é sua conexão essencial com o espaço e com o tempo, que não deixam o rito se transformar em um acontecimento individual cheio de caprichos".⁴⁴ Assim, o que fica estabelecido em comunidade se torna fundamental para o reconhecimento do rito. O professor Cláudio Carvalhaes reforça que a Ceia nunca pode ser tratada como um evento individual. Este ritual cristão é uma refeição comunitária, desde sua origem, que sempre se vive no ambiente social e desbanca a opinião individualista que vem prevalecendo em nossa cultura atual. Reestabelece em sua vivência palavras como coletivo, unidade, solidariedade, pertença, compartilhamento e outras.⁴⁵ Heber Júnior reforça este argumento ao declarar que:

Não podemos dizer que os meios virtuais suprem totalmente essa falta. Por sermos seres físicos, há coisas que não podemos fazer à distância. Não podemos experimentar todas as coisas do culto quando estamos sozinhos: não expressamos nossa alegria em louvores a uma só voz, não batizamos virtualmente e não partilhamos do pão da ceia.⁴⁶

Na atualidade o homem religioso é levado a apropriar-se desta virtualidade para a sua dinâmica congregacional, com possibilidades dentro do ciberespaço nunca antes praticadas ou imaginadas. Thiago Moura e Lúcia Possari elaboraram um paralelo provocador quando afirmaram que "o ciberespaço se apoderou de poderes divinos, como a onipresença (está em todos os lugares), onisciência (tudo sabe) e a onipotência (tudo pode)".⁴⁷

⁴¹ MIKLOS, Jorge. Ciber-Religião: O sacrifício do corpo na cibercultura. In: BORNHAUSEN, Diogo Andrade; MIKLOS, Jorge; SILVA, Mauricio Ribeiro da. (org). CISC 20 anos: comunicação, cultura e mídia. São José do Rio Preto, SP: Bluecom Comunicação, p. 57-74, 2012, p. 71.

⁴² LÉVY, 1996, p. 22.

⁴³ WIGHT, 2020, p. 68.

⁴⁴ OTTO, 2007, p. 344.

⁴⁵ CARVALHAES, Cláudio. Ceia do Senhor / Santa Ceia / Eucaristia – A Utopia de Jesus em nossos dias. Revista Tear Online, São Leopoldo, v. 4 n. 1, p. 04-30, jan./jun. 2015, p. 11.

⁴⁶ JÚNIOR, 2021.

⁴⁷ MOURA, Thiago Kchimele de, POSSARI, Lúcia Helena Vendrusculo. Comunicação e cibercultura: A fé possibilitada pelas tecnologias. In: Simpósio Nacional da ABCiber VIII. COMUNICAÇÃO E CULTURA NA ERA DE TECNOLOGIAS MUDIÁTICAS ONIPRESENTES E ONISCIENTES. ESPM. São Paulo: 3 a 5 de dezembro de 2014. p. 1-15.

Diante dos vários argumentos apresentados percebe-se que toda esta discussão poderá continuar por um tempo e outras vozes surgirão neste entremeio. No entanto, João Aquino⁴⁸ pondera que a questão mais relevante “não é o significado da ceia, nem se devemos ou não a praticar, mas sim se o formato virtual é válido ou não. Nesse aspecto, não creio que as divergências sejam passíveis de serem caracterizadas por heresia”. Esta declaração parece trazer uma razão ao considerar um equilíbrio para as partes do debate, presume-se que a busca pela comunhão contínua com Deus e com a comunidade cristã são essenciais e a celebração da Ceia é um dos momentos litúrgicos que representa este encontro transcendente e renovador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi discutido neste artigo sobre a celebração da Ceia é possível visualizar um painel com dois pontos em destaque. O primeiro deles aponta para uma construção histórica que traz uma ênfase tradicional para a prática coletiva da comunhão, que valoriza a presencialidade dos participantes em todos os eventos cristãos. O outro ponto destacável causa um contraste ao anterior, ao demonstrar a possibilidade de uma nova forma de culto que se apossa de instrumentos tecnológicos e recursos para a virtualidade da fé.

Os dados da pesquisa do *Invisible College* revelam que existe, nas igrejas evangélicas do Brasil, uma variedade de interpretações sobre como deve ser conduzida a Ceia em tempos de isolamento social. Percebe-se que diante de eventos de natureza extraordinária, instabilidade social ou da possibilidade de assimilar novas tecnologias para as interações sociais, as convicções históricas, teológicas e a interpretação bíblica assumida por grupos distintos norteiam a dinâmica dos cultos e das práticas fraternais destas comunidades eclesiais.

A ênfase dada para a comunhão corpórea, que é materializada no partir do pão e do beber do cálice, ainda prevalece em denominações protestantes históricas que recorrem às referências de uma interpretação bíblica com perspectiva ortodoxa. No entanto, mesmo as comunidades que se mostraram mais inovadoras e formataram uma nova forma de celebrar a Ceia poderão reavaliar estas práticas quando as restrições sociais vigentes se findarem. O que foi dito pelo apóstolo Paulo à igreja de Corinto, no primeiro século da era cristã, nos orienta também neste momento peculiar da história da Igreja. “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também”. (1 Coríntios 12:12).

REFERÊNCIAS

AQUINO¹, João Paulo Thomaz de. *Ceia virtual On-line? Como a exegese pode ajudar nessa questão?* Disponível em: <https://cpaj.mackenzie/ceia-virtual-on-line-como-a-exegese-pode-ajudar/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

AQUINO², João Paulo Thomaz de. *Culto on-line, sim. Ceia virtual não. Batismo presencial individual pode. Batismo virtual não.* Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/culto-on-line-sim-ceia-virtual-nao-batismo-presencial-individual-pode-batismo-virtual-nao/>. Acesso em: 01 de mar. de 2021.

ARZANI, Alessandro. *Eucaristia e identidade dos cristãos segundo Justino Mártir*. Tese (Doutorado História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2019.

⁴⁸ AQUINO², 2021.

- BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS-CHAVE. *Almeida Revista e Corrigida*. 4 ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2015.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. Eucaristia na Era Digital: a questão da presença e da participação. *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, jul./dez. 2012, p. 322-342.
- CAIRNS, Earle E. O Cristianismo através dos séculos. Uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Edições Vida Nova, 1990.
- CAMPOS, Heber Carlos de. A Presença Real de Cristo na Ceia no Pensamento de Calvino. *Revista Fides Reformata XIX*, São Paulo, nº 1, 2014, p. 73-80.
- CARVALHAES, Cláudio. Ceia do Senhor / Santa Ceia / Eucaristia – A Utopia de Jesus em nossos dias. *Revista Tear Online*, São Leopoldo, v. 4 n. 1, jan./jun. 2015, p. 04-30.
- Confissão de Fé de Westminster. Disponível em: <https://www.ipb.org.br/recursos/download/a-confissao-de-fe-de-westminster-148>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2011.
- Didaquê – A Instrução dos Doze Apóstolos. Disponível em: http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/DIDAQUE_-_A_Instrucao_dos_Doze_Apostolos.pdf. Acesso em: 28 fev. 2021.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FARIA, Israel Bernardo de Oliveira. *Princípio Regulador do Culto: a doutrina Bíblica do Culto adotada pela Igreja Presbiteriana do Brasil*. Seminário Teológico Presbiteriano Ashbel Green Simonton, Rio de Janeiro, 2017.
- FERREIRA, Jonas dos Santos. *A Ceia do Senhor. Uma abordagem bíblica e de retorno às fontes*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2015.
- GOMES, Antônio Araújo. A Ceia do Senhor na perspectiva da psicologia analítica. *Revista Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. 2015, p. 230-255.
- INVISIBLE COLLEGE. *Os impactos do isolamento social nas igrejas evangélicas brasileiras*. Instituto Educacional Invisible College, 2020. Disponível em: <https://theinvisiblecollege.com.br/lab/>. Acesso em: 25 jul. 2020.
- JÚNIOR, Heber Carlos de Campos. *Em tempos de pandemia, como fica a comunhão?* Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/em-tempos-de-pandemia-momo-fica-a-comunhao/>. Acesso em: 25 fev. 2021.
- LÉVY, Pierre. *O que é o Virtual?* Tradução Paulo Neves. São Paulo, Editora 34, 1996.
- MAIA, Herminster. *Fundamentos da Teologia Reformada*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- MIKLOS, Jorge. Ciber-Religião: O sacrifício do corpo na cibercultura. In: BORNHAUSEN, Diogo Andrade; MIKLOS, Jorge; SILVA, Mauricio Ribeiro da. (org). *CISC 20 anos: comunicação, cultura e mídia*. São José do Rio Preto, SP: Bluecom Comunicação, 2012, p. 57-74.
- MOURA, Thiago Kchimel de, POSSARI, Lúcia Helena Vendrusculo. Comunicação e cibercultura: A fé possibilitada pelas tecnologias. In: Simpósio Nacional da ABCiber VIII. COMUNICAÇÃO E CULTURA NA ERA DE TECNOLOGIAS MIDIÁTICAS ONIPRESENTES E ONISCIENTES. ESPM. São Paulo: 3 a 5 de dezembro de 2014, p. 1-15.

OLIVEIRA, Francisco Alves de. O desafio comunitário de ser igreja e a busca da reversão do êxodo eclesial. *Revista Unitas*, Vitória, v. 7, n. 2, 2019, p. 177-206.

OLIVEIRA, Márcio Divino de. Cuidado pastoral da Igreja em tempos de pandemia: Covid-19. *Revista Caminhando*, São Paulo, v. 25, n. 1, jan./abr, 2020, p. 257-276.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

SPROUL, R.C. *O Que é a Ceia do Senhor?* Série Questões cruciais n. 15. São José dos Campos: Fiel Editora, 2014.

WRIGHT, N.T. *Deus e a pandemia: uma resposta cristã sobre o Coronavírus e suas consequências*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.